

PERSPETIVAS ÉTICAS E ESTÉTICAS NO IDEÁRIO DE HENRIQUE PERDIGÃO: A ATUALIDADE DA LIVRARIA LATINA NAS TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS DO CAMPO EDITORIAL PORTUGUÊS

MARIA DO ROSÁRIO RAMADA PINHO BARBOSA

Professora Equiparada a Assistente – Escola Superior de Educação / Politécnico do Porto; Investigadora – Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED); Doutoranda em Estudos Contemporâneos – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX / Universidade de Coimbra.

Resumo

No âmbito das reflexões sobre intelectuais encontramos vários estudos de caso que se debruçam designadamente sobre a figura do político, do artista e do cientista. Entendemos, porém, que as ações concebidas e reveladas no campo cultural nos permite também entrar na esfera dos editores e livreiros. Entre estes encontra-se uma personalidade que, pelos seus traços denotadores de singularidade, merece ser conhecida: Henrique Perdigão. Analisam-se, no presente artigo e com base no espólio documental por si legado, as perspetivas éticas e estéticas no ideário do autor, editor e livreiro, e a atualidade da Livraria Latina nas transformações estruturais do campo editorial português.

Palavras-chave:

Henrique Perdigão; Livraria Latina Editora; livro; edição; mediação cultural.

O desafio deste artigo obriga-nos a realizar um balanço do espólio de Henrique Perdigão já inventariado, permitindo perceber algumas das teias de comunicabilidade existentes, a visualizar com serenidade o muito que ainda há por fazer nesta área, a refletir sobre a importância de uma cartografia da memória e do pensamento. Os resultados que agora apresentamos devem, pois, ser lidos e entendidos como parcela de uma investigação que ainda não findou. Sobre esse espectro documental podemos conduzir diferentes narrativas mnemónicas porquanto servem para tornar presentes acontecimentos, experiências e percursos que, de outra forma, se perderiam. No repositório reconstitui-se, por isso, uma

visão “legítima” alicerçada, em toda a sua amplitude, em memórias sistêmicas que nos permitem interpretar a atividade da Livraria Latina Editora como mediador cultural no tecido social, histórico e cultural na década de 40 do século XX. Debruçamo-nos, por agora, apenas em circunstanciadas informações sobre os contextos editoriais em que surgem as obras publicadas pela Livraria Latina Editora e as dinâmicas em que elas se desenvolvem, os diversos mecanismos de conceção e produção, o impacto no tecido social, os processos e a amplitude de comercialização, os canais de circulação, o modo como se repercutem na imprensa.

ENTRE O GOSTO PELOS LIVROS E A ABERTURA DA LIVRARIA EDITORA

Henrique Lopes Perdigão nasce, em 1888, na cidade do Porto e ainda criança emigra para o Brasil. Cedo manifesta o gosto pelos livros, pela leitura, pela escrita e pela lusofonia. Após duas décadas de trabalho, repletas de sucessivas dificuldades, vê publicada, em 1934, a primeira edição do seu *Dicionário universal de literatura: bio-bibliográfico e cronológico*¹, obra louvada pela *Academia das Ciências de Lisboa* e pela *Academia Brasileira de Letras*. Uma segunda edição, ampliada e ilustrada, surge em 1940². Sócio da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Henrique Perdigão colabora na imprensa, designadamente no *Diário do Porto* entre 1926 e 1927, no *Século* em 1928, n’*O Comércio do Porto* entre 1930 e 1931, sendo ainda representante no Porto da revista *Fêmea* em 1934. Mas, se os seus trabalhos como autor merecem apreço e destaque, é como livreiro e editor que mais se distingue, publicando obras de autores consagrados a par de escritores em início de carreira.

Mesmo perante um cenário restritivo, determinado pelo Estado Novo, Henrique Perdigão dedica-se a uma prática de mediação cultural sedimentada em estratégias consentâneas com a emancipação do campo editorial português e a consagração da difusão da língua portuguesa. Constitui, por escritura pública de 7 outubro de 1941, a sociedade *Perdigão, Fonseca & C.*³ e, em 15 de janeiro de 1942, inaugura, na Rua de Santa Catarina, n.ºs 2 a 10, um novo “centro cultural”³, a Livraria Latina Editora. Em prol da divulgação do livro, e fora da máquina política ou a ela associada, é “a primeira a instituir prémios literários”⁴, en-cetando, logo no dia de abertura, um Concurso Literário consagrado ao romance e dirigido a autores de língua portuguesa. Segue-se um outro dedicado ao conto,

1 Perdigão, Henrique (1934). – *Dicionário universal de literatura: bio-bibliográfico e cronológico*. Barcelos: Portucalense.

2 Perdigão, Henrique (1940). *Dicionário universal de literatura: bio-bibliográfico e cronológico*. 2.ª ed. rev. Porto: Edições Lopes da Silva.

3 Ramos, Manuel (1989.06.21). Editor Henrique Perdigão: um homem que honrou o Porto: a propósito do seu centenário. *Jornal de Notícias*. Porto, n.º 20, p. 10.

4 Santos, Alfredo Ribeiro dos (2009). *História literária do Porto através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, p. 360.

no ano subsequente, no âmbito das comemorações do seu primeiro aniversário.⁵

Preparando-se para regressar a Portugal, finda uma viagem de negócios – na qual “havia comprado para vender no nosso país quinhentos contos (muito dinheiro para a época!) de livros brasileiros ou traduções brasileiras de obras que em Portugal, por motivos óbvios, não era possível editar”⁶ – morre, em 21 de setembro de 1944, num acidente de avião na Baía, Brasil.

O desaparecimento biológico, que a morte condiciona, não pode significar o esquecimento da vida do autodidata e da sua atividade persistente e empreendedora que se inscreve num significativo território, determinante na história das instituições culturais e na história das ideias do século XX no Porto e em Portugal.

Após a morte de Henrique Perdigão, assumem a gerência da Livraria Latina Editora o seu filho Mário Viana Perdigão, entre 1944 e 1997, e o seu neto, Henrique Fonseca Perdigão, entre 1997 e 2009. As três gerações de livreiros consolidam, pelos seus valores éticos e intelectuais, relevantes contributos para a cultura, designadamente na definição de uma mais ampla e célere divulgação de obras literárias, portuguesas e estrangeiras, na criação de Concursos Literários, na diferenciada atividade editorial e na promoção de tertúlias e sessões de autógrafos com escritores e intelectuais, como Jaime Cortesão e Jorge Amado, Aquilino Ribeiro e Teixeira de Pascoaes, Manuel Mendes e Alves Redol, Ferreira de Castro e Erico Veríssimo, Fernando Namora e Augustina Bessa-Luís, Alberto de Serpa e António Ramos de Almeida, Sousa Costa e Alberto Uva, José Saramago e José Cardoso Pires, António Lobo Antunes e José Hermano Saraiva, Mário Cal Brandão, Joracy Camargo e Manuel de Azevedo.

ITINERÁRIO EDITORIAL DA LATINA

O percurso editorial da Livraria Latina Editora inicia-se com a publicação do livro *As escolas filosóficas através dos tempos: quadro cronológico desde os Jónios à actualidade*, da autoria de Henrique Perdigão (1942). Segue-se a edição das obras vencedoras dos Concursos Literários, seguindo-se obras de autores cimeiros da literatura portuguesa e mundial.

Até ao final da década de 40, a Latina edita cerca de cinquenta títulos, do romance ao conto, da poesia ao livro técnico, do ensaio ao manual escolar, dos quais se destacam *Os contos de António Botto: para crianças e para adultos* de António Botto (1942), *O penitente: Camilo Castelo Branco* de Teixeira de Pascoaes (1942), *Crítica I: a prosa e o romance contemporâneos* de João Gaspar Simões (1942), *Fábulas* de Laura Chaves (1942), *Ressaca* de Aurora Jardim (1943), *Camilo místico: síntese romântica e religiosa* de José Gonçalves de Andrade (1943), *Vida e obras de Zola* de Jaime Brasil (1943) e *Eça* de António

5 Reunindo as condições estipuladas no Regulamento, são dezassete os trabalhos apresentados ao Concurso Literário de 1942 e, no ano seguinte, contabilizam-se vinte e um.

6 Ramos, Manuel (1989.06.21). Editor Henrique Perdigão: um homem que honrou o Porto: a propósito do seu centenário. *Jornal de Notícias*. Porto, n.º 20, p. 10.

Ramos de Almeida (1945). A Latina faz ainda nascer três importantes coleções: a coleção cultural *Cadernos Azuis*, a coleção infantil *Pinóquio* e a coleção *Autores Notáveis*.

Na *Colecção Cadernos Azuis*, dirigida pelo jornalista Manuel de Azevedo⁷, registam-se doze títulos⁸: *O cinema em marcha: ensaio* de Manuel de Azevedo (1944), *Antero de Quental: infância e juventude* e *Antero de Quental: apogeu, decadência e morte* de António Ramos de Almeida (1943), *A poesia da moderníssima geração: génese duma atitude poética: ensaio* de João Pedro de Andrade (1943), *A carta: novela* de William Somerset Maugham (1943), *História breve duma teoria A Relatividade e breve ensaio sobre o modernismo* de Duarte Pires de Lima (1944) e *O problema da habitação* de Francisco Keil do Amaral (1945).

Outra coleção, a *Colecção Pinóquio*, prefaciada de Henrique Marques Júnior e ilustrada por Laura Costa, é composta por doze números: *Aventuras maravilhosas de um príncipe e outros contos* de Henrique Marques Júnior (1942), *História do João gigante e outras aventuras* (1943), *Novas histórias maravilhosas colhidas da tradição oral* de Ana de Castro Osório (1943), *Os cavaleiros da tábua-redonda* (1943), *Os dois compadres marotos e outros contos* de Leonor de Campos (1944), *O doente de cisma e o médico à força* de Molière (1944), *Ivanhoé* de Walter Scott (1945), *Gargântua e Pantagrue* de Rabelais (1945), *Os três heroísmos: e outros contos* de Manuel Ferreira (1946), *Aventuras de um alfaiate e outros contos* (1946) e *Aventuras de Pickwick* de Charles Dickens (1947).

A *Colecção Autores Notáveis* reúne títulos e autores internacionalmente consagrados como *Kyra Kyralina* de Panaït Istrait (1943), *O drama de Marísia* de Henrique Sienkiewicz (1943) e *O idiota* de Fédor Dostoiévsky (1943).

ENTRE AS “SUBCULTURAS” DO GOSTO E A MEDIAÇÃO CULTURAL

Para além do elenco, não exaustivo, das obras publicadas pela Livraria Latina Editora, elemento básico e de todos (pouco) conhecido, interessa refletir sobre a criação estética enquanto processo que pressupõe três elementos constitutivos – o que escreve (autor), a obra e o que lê (público leitor). A esta ocorrência sistémica, acrescentamos o papel do editor.

Ao perpassar as ideias do autor ao público leitor, a obra consegue produzir um efeito estético provocando uma catarse no recetor. O gosto pelos livros, ou a sua legitimidade do gosto, exige educação, preparação, interesse, investigação e sensibilidade. Só assim o público leitor está apto a formular um juízo de gosto,

7 A coleção encontra-se estruturada em cinco temáticas: *Contos e Novelas*, para obras inéditas ou pouco conhecidas; *Os Homens e as Idéias*, consagrada a estudos sobre correntes políticas, sociais, económicas e filosóficas e ainda a ensaios biográficos; *Literatura e Arte*, para pequenos ensaios sobre arte e literatura; *A Evolução da Humanidade*, sobre descobertas e conquistas da história e *Problemas Contemporâneos*.

8 Os números dois, três e quatro são editados pela Livraria Joaquim Maria da Costa – *A arte e a vida* de António Ramos de Almeida (1941); *Aurora e crepúsculo duma idade* de Júlio Filipe e *Nasceu um maltês!: contos* de Jorge Vítor (1942).

sendo capaz de fruir e compreender o que está além da utilidade e do prazer. Para que afirme categoricamente ter preferência em determinado género literário, torna-se necessário o conhecimento de outros géneros.

A comparação é um princípio elementar do conhecimento, já referido por Platão na sua célebre Alegoria da Caverna: se se conhecem apenas as sombras, acredita-se que elas sejam toda a realidade. No século XVIII, autores como Hume e Kant refletem sobre as querelas em torno da questão do gosto. Hume, nos *Ensaios políticos, morais e literários*⁹, observa que uma obra pode ter diferentes receções num determinado período histórico ou num contexto geográfico circunscrito, mas acrescenta que as grandes obras são admiradas tanto no passado como no presente. Admite também que quem não tem a oportunidade de comparar se encontra indubitavelmente incapacitado de discernir opinião. Kant, tendo integralmente dedicado uma obra às questões do gosto, a *Crítica da faculdade do juízo*¹⁰, refere que, para contemplar o belo, importa ao sujeito não só a sua capacidade cognitiva mas também a sua percepção estética.

O editor assume-se como aparelho institucional de articulação e mediação entre a componente autoral e o público leitor. Desenvolve recursos técnicos para multiplicar aquilo que é considerado o traço mais marcante de uma obra: a singularidade. Walter Benjamin define-a, no seu ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*¹¹, como “aura”. Editar consiste não somente na identificação de “subculturas” do gosto, com preocupações de enquadramento plástico e tipográfico, porquanto também promove a leitura e modula preferências e modos de consumo. O itinerário editorial da Latina deve, por isso, ser reconhecido numa perspetiva sincrónica, como instância mediadora da formação do gosto, conduzindo-nos às questões: o que se produziu e se divulgou para formar o gosto do(s) leitor(es)? Como, onde, para quem, porquê e para quê foram essas obras concebidas e difundidas? Para além dos legítimos interesses comerciais, a Latina pretendeu atender ao gosto e ao intuito dos autores, que com ela trabalharam, em consentaneidade com as preferências e o gosto dos seus leitores.

No espólio de Henrique Perdigão afiguram-se alguns aspetos que iluminam o papel da Livraria Editora, comprovando que se assume, desde o primeiro momento, como chancela de mediação cultural e, ainda, que atua como agente dinâmico na esfera das ideias. Esse universo documental permite-nos perspetivar o alcance das suas publicações, os canais de circulação, o vigor e a amplitude com que foram comercializadas. Possibilita-nos ainda concluir que as obras não

9 HUME, David (2002). *Ensaios políticos, morais e literários*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

10 KANT, Immanuel (1998). *Crítica da faculdade do juízo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

11 BENJAMIN, Walter (2012). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água.

se circunscrevem aos limites do círculo portuense, onde são editadas, mas, pelo contrário, o processo acaba por ser necessariamente extensivo a todo o país.

A organização dos dois Concursos Literários e a consequente edição das obras premiadas inscrevem-se como condições institucionais de mediação entre autores e públicos leitores. Os Prémios Literários são encarados como elementos de consagração e, como tal, instrumentos fundamentais para a afirmação e o reconhecimento social dos escritores, mas também da instituição que os promove. Podemos então afirmar que a promoção desses Concursos Literários é uma das vias de credenciação onde a cultura e o comércio se encontram harmonicamente. O próprio Henrique Perdigão, no discurso que profere, em 21 de novembro de 1942, aquando da cerimónia de entrega dos Prémios da primeira edição, refere:

“Quando em Janeiro passado, ao inaugurar-se a Latina Editora, tive a lembrança de comemorar o facto com um Prémio Literário, não pretendi vir mercantilizar com ele. Esse prémio destinava-se a solenizar um acontecimento que nos era sim, muito grato, mas acontecimento que representava ainda uma incógnita no mundo das realidades práticas. Criei-o, porém, porque há muito ele germinava no meu espírito, entristecido por ver que no meu País, em que tanta coisa inútil se imita, não se dava aos escritores aquele incentivo que eles lá fora recebem não só de Academias, mas também de Empresas editoriais e jornalísticas e até de entidades particulares a quem os domínios do pensamento não são indiferentes.

Assim, na criação do Prémio Latina Editora não houve apenas o desejo, que suponho legítimo, de fazer chamar a atenção para uma nova Casa que se fundava com o intuito honesto de contribuir dentro dos limites das suas possibilidades para a difusão da cultura do nosso Povo.

Houve também, e em não menor parte, o desejo de dar aos escritores portugueses – de cuja atenção e de cuja inteligência vimos viver – o ensino de fazerem, uns, sair da gaveta originais que às vezes lá estão dolorosamente esquecidos, outros fazendo-lhes incutir no ânimo a vontade de produzirem novos trabalhos, com aquela natural ambição que todos os que manejam uma pena devem ter: a ambição de serem lidos.”

Este fenómeno prende-se, pois, à consciência de um devir cultural, consentâneo com a difusão da língua portuguesa e com o reconhecimento e a projecção dos seus autores. Numa das obras premiadas e editadas pela Latina é reforçado esse propósito: “O presente volume e o que em breves dias se lhe seguirá, vem inaugurar a série de obras de ficção da «Latina», com as quais é nosso intuito contribuir, dentro das possibilidades próprias, para o desenvolvimento cada vez mais acentuado das Letras nacionais.”¹² Por outro lado, esta ação obedece a critérios programáticos de feição comercial e de validação da própria Livraria Editora, com proveito simbólico fundamentado no reconhecimento e na publicidade. Conclui-se que, não obstante o espírito filantropo e empreendedor de

12 Sombrio, Carlos (1942). *O meu romance*. Porto: Livraria Latina Editora, p. 3.

Henrique Perdigão, o projeto não deixa de ser revelador de estratégias de auto-promoção da Latina.

Simultaneamente, a Livraria Latina Editora procura ter ao seu alcance outras formas de levar a obra/o livro ao leitor, prosseguindo um plano deliberado e consolidado em astutos dispositivos que estimulam o público para a fruição e a aquisição da obra. A título de exemplo, as coleções *Cadernos Azuis*, *Pinóquio* e *Autores Notáveis*, a que já nos referimos, e à semelhança de outras coleções existentes na época, configuram uma estética editorial própria, um padrão com recursos gráficos capazes de conferir unidade e identidade visual, aos seus números. Com o intento de inserção no tecido social e imbuída de mecanismos de intervenção editorial na cultura e na sua configuração, programática e estética, a Latina adota diversas fórmulas de exponenciar a promoção e difusão das suas edições. Nos primeiros anos da década de 40, o recurso à publicidade e à diversidade dos seus suportes não possui, entre nós, qualquer tipo de tradição. Não deixa, por isso, de surpreender o dinamismo revelado pelo livreiro e pela Latina que, desde cedo, apostam nas potencialidades da publicidade nos principais jornais. Também os comentários inscritos, sistemática e estrategicamente, nas contracapas e badanas refletem assíduas e repetidas alusões aos seus títulos publicados ou a publicar, dando a conhecer o estatuto e a qualidade intrínseca da Livraria Editora, o mérito dos autores e das suas obras.

Os enredos de propagação editorial da Latina na cultura estabelecem-se ainda na base das relações da Livraria Editora com a imprensa. Para além da publicidade a novas edições, nela podemos encontrar, com diferentes narrativas e discursos, notícias sobre a abertura e os primeiros anos da Livraria, sobre a carreira literária dos autores e sobre a repercussão das obras publicadas nas principais publicações periódicas portuguesas não só do Porto¹³, de Lisboa¹⁴ e de Coimbra¹⁵, mas também de outras regiões do país. Atendendo a que uma parcela substantiva da história contemporânea emerge nas páginas da imprensa escrita, a compilação desses registos tem permitido colher elementos que coadjuvam a determinação do gosto dos leitores, validando a credenciação editorial e apresentando reflexões conduzidas por visões sustentadas, de críticos e escritores¹⁶, providas de exame estético de autores, títulos e ideias intrínsecas; ou seja, a notícia dos acontecimentos e, portanto, o reflexo das e nas mentalidades.

Pelo que foi e pela sua ação, trouxemos à memória a figura de Henrique Perdigão. Marcou uma época nos setores livreiro e editorial em Portugal, dei-

13 *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias* e *Gazeta Literária*.

14 *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O Século*, *O Século Ilustrado*, *Brotéria*, *Seara Nova*, *Livros de Portugal*, *A Voz* e *A Vida Mundial Ilustrada*.

15 *Gazeta de Coimbra* e *Notícias de Coimbra*.

16 Como Jaime Brasil, João Gaspar Simões, Álvaro Salema, Carlos Sombrio, Jorge Vernex, João Maria Ferreira e Vasco de Lemos Mourisca.

xando expressões éticas e estéticas que são exemplares de uma extraordinária dimensão cultural. A atualidade do seu pensamento e da sua conduta, enquanto autor, mas sobretudo como editor e livreiro – definindo, em apenas dois anos, o programa da Latina, iniciando e impulsionando a atividade editorial, promovendo Concursos Literários, fazendo florescer as relações comerciais de importação de livros e revistas do Brasil, etc. – surpreenderá certamente aqueles que procuram referências que permitam perceber como se desenrolam algumas das manifestações e expressões culturais, estéticas, sociais e cognitivas em Portugal nos anos 40 do século XX.

FONTES:

Espólio de Henrique Perdigão.